

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT18.008

“NÃO FIQUEM PREOCUPADOS COM O DIA DE AMANHÃ” (MT 6.34A): OS IMPACTOS DA VIDA ACADÊMICA NA ‘SAÚDE MENTAL’ DE TEÓLOGOS E TEÓLOGAS EM FORMAÇÃO

Ana Carolina Paranhos Assunção¹

RESUMO

Todas e todos nós, em algum momento de nossas vidas, somos chamados e chamadas a vivermos nossa verdadeira vocação. Acreditamos que este momento do chamado se concretiza quando sentimos “aquele frio da barriga” ou ao percebermos o nosso “coração acelerar” diante de tal circunstância. Ocasões como estas nos fazem refletir sobre o propósito da vocação e da profissão. Definições que, embora distintas, não há como serem separadas. No âmbito do protestantismo luterano brasileiro, a formação teológica acadêmica constitui a etapa que antecede o Período Prático de Habilitação ao Ministério e a Habilitação ao Ministério com Ordenação. Essa formação se dá, por meio de instituições de Ensino Superior, vinculadas ao Ministério da Educação e à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Durante o período do Bacharelado em Teologia, a formação salienta a importância da pregação do evangelho e da administração dos sacramentos, para que a fé possa ser despertada e alimentada e a comunidade cristã edificada. Apesar do domínio de teorias e técnicas teológicas, da qual se espera por parte do e da discente, observa-se um certo distanciamento das instituições responsáveis, no cuidado em relação à saúde mental de teólogos e teólogas em

1 Mestranda do Curso de Teologia das Faculdades EST - RS, ana@estudante.adl.org.br;

formação. Utilizando um referencial teórico baseado em autores e autoras como Brené Brown, Anselm Grün, Byung-Chul Han e Roseli M. Kühnrich de Oliveira, o estudo analisa como as doenças psicossomáticas, desencadeadas pelas condições e rotinas acadêmicas, impactam no processo de formação. Os resultados encontrados revelam que o tema ainda é visto como tabu no meio acadêmico luterano. As condições presentes no ambiente acadêmico podem alterar ou interferir nos e nas estudantes, como indivíduos, com os outros e com a própria formação. Há uma lacuna de materiais de cunho científico a respeito da temática, principalmente na dificuldade em articular a formação acadêmica luterana com a saúde mental.

Palavras-chave: Vocação, Saúde Mental, Profissão, Formação Acadêmica Teológica, Instituições Responsáveis.

INTRODUÇÃO

Em algum momento de nossas vidas, todos e todas nós, somos chamados e chamadas a vivermos nossa verdadeira vocação. Possivelmente este momento do chamado se manifesta ao sentirmos “aquele frio na barriga” ou quando ouvirmos o nosso “coração acelerar” diante de tal momento ou situação. Somos lembrados e lembradas pela passagem bíblica de Jeremias (1.4-8) de que, antes mesmo de sermos formados e formadas no ventre materno, Deus já nos conhece, nos escolhe e nos prepara para a nossa vocação: a de sermos profetas e profetizas no mundo da qual vivemos (BÍBLIA SAGRADA, 2010, p. 828).

O “frio na barriga” ou a sensação do “coração acelerar”, em muitas circunstâncias, é associada à vocação ou à profissão, especialmente, no imaginário popular. Vocação é “o chamado para fora e para o serviço social” (WACHHOLZ, 2017, p. 24). Ou seja, a palavra carrega o sentido de vocação, dado que o verbo correspondente é *vocacionar*, e não meramente chamar (BRAKEMEIER, 2020, p. 12).

Enquanto profissão, a mesma não é definida de forma absoluta, mas sim, pela maneira como a sociedade delimita o que é e o que não é profissional (FREIDSON, 1998, p. 55). Tal como, “profissão é ofício. É significativo que a profissão não seja equivalente ao exercício de qualquer atividade, e sim de atividade específica” (BRAKEMEIER, 2020, p. 12). Definições que, embora distintas, não há como serem separadas.

No âmbito do protestantismo brasileiro, a formação teológica constitui a etapa que antecede o ministério e a ordenação. Essa formação se dá, por meio de instituições de Ensino Superior, vinculadas ao Ministério de Educação (MEC) e à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). “A teologia protestante caracteriza-se pelo seu caráter analítico, ou seja, sua preocupação de entender e interpretar o ser humano, a sociedade, a Bíblia” (HOCH, 2009, p. 80). Portanto, a consciência crítica e o discernimento teológico configuram-se como os pilares dessa formação

O Ensino Superior é o sonho de muitas pessoas. Infelizmente, nem todas desfrutam dessa oportunidade. Para aqueles e aquelas que conseguem entrar, frequentar e concluir essa etapa, trata-se de um privilégio. Geralmente, é um período que marca a transição da juventude para a vida adulta. Em que se faz necessário, o afastamento da cidade natal e do seio familiar, a adaptação imediata a um novo cotidiano, em que são impostas exigências não vivenciadas até então e o “dar conta” das demais demandas, tanto acadêmicas como pessoais (NUNES; SILVA; SILVA; SOUZA; RICCI; ALVES, 2022, p. 121).

Durante o período do Bacharelado em Teologia, a formação contempla, em sua maioria, o que se faz necessário teoricamente saber para poder atuar no Ministério Eclesiástico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. No entanto, observa-se que apesar de tantas teorias e técnicas aprendidas e dominadas, teólogos e teólogas em formação, são negligenciados e negligenciados, no que diz respeito a sua saúde mental. Ademais, não aprendemos e nem somos instruídos e instruídas a nos cuidarmos (OLIVEIRA, 2018, p. 47).

O presente estudo visa introduzir um diálogo frequentemente negligenciado na formação teológica: a análise dos impactos da vida acadêmica na saúde mental de teólogos e teólogas em formação. Almeja-se que, ao final deste estudo, as conclusões evidenciam a necessidade de as instituições acadêmicas priorizarem a saúde mental de teólogos e teólogas em formação, oferecendo meios e maneiras para atender e promover essa demanda.

METODOLOGIA

A ciência visa, essencialmente, à construção e compreensão de conhecimento, procurando estabelecer a veracidade dos fatos e a explicação dos fenômenos. Nesse aspecto, não se difere de outras formas de conhecimento. O diferencial do conhecimento científico reside, todavia, em sua característica intrínseca de verificabilidade. Para que um conheci-

mento seja considerado científico, é preciso identificar os procedimentos metodológicos e as técnicas que garantem a sua verificabilidade (GIL, 2008, p. 8).

Primeiro, não é **senso comum** - porque este se caracteriza pela aceitação não problematizada, muitas vezes crédula, do que afirmamos ou temos por válido. [...]. Disso não segue que o senso comum seja algo desprezível; muito ao contrário, é sobretudo com ele que organizamos nossa vida diária, mesmo porque seria impraticável comportarmo-nos apenas como a ciência recomenda, seja porque a ciência não tem recomendação para tudo, seja porque não podemos dominar cientificamente tudo. [...]. O conhecimento científico representa a outra direção, por vezes vista como oposta, de derrubar o que temos por válido; mesmo assim, em todo conhecimento científico há sempre componentes do senso comum, à medida que nele não conseguimos definir e controlar tudo cientificamente. *Segundo*, não é **sabedoria** ou **bom-senso** porque estes apreciam componentes como convivência e intuição, além da prática historicamente comprovada em sentido moral. [...]. *Terceiro*, não é **ideologia** - porque esta não tem como alvo central tratar a realidade, mas justificar posição política. Faz parte do conhecimento científico, porque todo ser humano, também o cientista, gesta-se em história concreta, politicamente marcada. [...]. Possivelmente, a referência mais adequada para entender ideologia é sua relação com o fenômeno do poder, tanto para mostrar como se diferencia, como também para mostrar como se iguala ao conhecimento científico. Diferencia-se porque, enquanto o conhecimento científico busca usar metodologias que - pelo menos na intenção - salvaguardam a captação da realidade, a ideologia dedica-se a produzir discurso marcado pela justificação. [...]. *Quarto*, não é **paradigma específico** - como se determinada corrente pudesse comparecer como única herdeira do conhecimento científico, muito embora lhes seja inerente essa tendência. Com maior realismo, o conhecimento científico é representado pela disputa dinâmica e interminável de paradigmas, que vão e voltam, somem e transformam-se. Com isso, podemos dizer que não é produto acabado, mas processo produtivo histórico, que não podemos identificar com métodos específicos, teorias datadas, escolas e culturas (DEMO, 2000, p. 22-25).

No estudo, a metodologia empregada é de natureza exclusivamente bibliográfica, fundamentando-se na coleta e análise de bibliografias, documentos de fontes primárias ou secundárias, incluindo livros e artigos

científicos que tratam da problemática em questão (MORESI, 2003, p. 10). Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia consistirá em um mapeamento bibliográfico e na coleta do material de estudo a partir das obras indicadas. Posteriormente, será realizada uma análise comparativa entre os dados levantados, visando à construção de conceitos e de respostas cientificamente embasadas para a questão central da pesquisa.

Em sua estrutura e finalidade, a pesquisa bibliográfica fornece à pessoa pesquisadora os subsídios e critérios metodológicos para a realização de um trabalho científico preciso e cuidadoso. Desse modo, não só permite o alcance aos objetivos propostos, como também qualifica a produção do conhecimento, ampliando a sua contribuição para a área de estudo (BOCCATO, 2006, p. 272).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o reformador Martinho Lutero (2016, p. 284) cada pessoa possui o seu papel específico na sociedade e na comunidade. Especialmente no âmbito comunitário, todas as pessoas cristãs são chamadas a exercer os sacramentos do Batismo e da Eucaristia, bem como, a pregação do Evangelho; o ouvir a confissão de pecados e o anunciar o perdão; julgar doutrinas, sobretudo em circunstâncias urgentes e necessárias.

Diante disso, “mesmo que qualquer pessoa possa, não significa que todas *devam*, ou que estejam simplesmente *aptas* a desempenhar essas funções publicamente” (JASKE; SELL, 2022, p. 191). É imprescindível que essas pessoas sejam devidamente habilitadas para assumir determinadas tarefas e responsabilidades. A propósito, a pessoa vocacionada é instrumento e administradora de Deus ou de Cristo (DREHER, 2011, p. 68).

- Vocês são o sal para a humanidade; mas, se o sal perde o gosto, deixa de ser sal e não serve para mais nada. É jogado fora e pisado pelas pessoas que passam. - Vocês são a luz para o mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. Ninguém acende uma lamparina para colocá-la debaixo de um cesto. Pelo contrário, ela é colocada no lugar próprio para que ilumine todos os que estão em casa. Assim

também a luz de vocês deve brilhar para que os outros vejam as coisas boas que vocês fazem e louvem o Pai de vocês, que está no céu (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 2010, p. 1.045).

Contudo, compete à comunidade cristã desempenhar um papel fundamental nesse processo inicial. É de sua responsabilidade despertar, reconhecer, incentivar e apoiar pessoas que visam ao ministério ordenado. Consequentemente, o ato de ordenação compete à presidência da igreja. “Onde vês isso, podes estar certo que aí está o povo de Deus e o santo povo cristão” (LUTERO, 2007, p. 413).

A fim de que ocorra a ordenação no âmbito ministerial, é preciso que aconteça “um chamado, uma bênção e uma missão da parte de Deus e da igreja” (GASSMANN; HENDRIX, 2022, p. 125-126). A partir do momento que a pessoa é ordenada, cabe a ela “reger uma comunidade com pregação e sacramentos, morar em meio a ela e a manter um lar temporal” (LUTERO, 2016, p. 312).

Em Romanos (10.17), o apóstolo Paulo afirma que a fé vem pelo ouvir (BÍBLIA SAGRADA, 2010, p. 1.249). É a Palavra que ordena e chama para anunciar, divulgar, vivenciar e proclamar. Lutero (2016, p. 76) defende “que, para o bem da comunidade, o ministério como ‘instituição de Cristo’ é uma necessidade”. Necessidade esta de ensinar o Evangelho e administrar os sacramentos, conforme o artigo V da Confissão de Augsburgo (GASSMANN; HENDRIX, 2002, p. 120)

O Ministério Eclesiástico com Ordenação foi instituído para que, por meio da pregação do evangelho e da administração dos sacramentos, a fé possa ser despertada e alimentada e a comunidade cristã edificada (IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2002, p. 5). Onde mulheres são chamadas e homens são chamados para viverem sua vocação no âmbito da comunidade cristã, isto é, o de servir Jesus Cristo e à igreja (BRAKEMEIER, 2020, p. 20). Deste modo,

o ministério eclesiástico não acrescenta nenhuma superioridade espiritual ou o que o valha de caráter indelével. O encarregado dele, continuando igual a qualquer outro crente

batizado, tem somente uma função específica, que o diferencia, mas em absoluto o eleva (LUTERO, 2016, p. 77).

A ordenação para o ofício ministerial é indispensável para a Igreja, visto que se fundamenta no sacerdócio comum de todas as pessoas que creem (BUSS, 2015, p. 16). Essa “necessidade” do ministério como “instituição de Cristo”, visa o benefício da comunidade. Ademais, “na Igreja, [...], há um só ministério: o de testemunhar o Evangelho de Cristo, confiado à comunidade” (IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, 2016, p. 10).

Mediante a narrativa do pecado, a mesma se desdobra em dois momentos de suma importância: no primeiro, o ser humano é confrontado por Deus com a realidade da morte; e em segundo, esse mesmo Deus o chama a cooperar em favor da vida. Essa cooperação, segundo o reformador, é mediada pelos três estamentos e ministérios (*oeconomia*, *politia* e *ecclesia*). Tais esferas englobam, de modo particular, a vida da pessoa cristã (WACHHOLZ, 2017, p. 20).

O primeiro estamento, o doméstico (*oeconomia*), envolve a família, o matrimônio e a produção/economia; o segundo, o político e secular (*politia*), abrange a sociedade e a política; e o terceiro, o da Igreja (*ecclesia*), refere-se ao seu aspecto terreno, institucional e ao ministério sacerdotal. Dessa forma, o indivíduo coopera na *oeconomia* (como servo, mãe, criada e pai), na *politia* (como autoridade, súdito e cidadão) e na *ecclesia* (como sacristão, capelão, servo ou ministro, ou seja, como receptor da Palavra). Essa estrutura deriva da condição humana de proceder do matrimônio, estar sujeito ao Estado e ser agraciado pelo Evangelho, ministrado por meio do sacerdócio (BAYER, 2007, p. 89).

De igual modo, o serviço realizado no âmbito dos estamentos desloca o ser humano de seu egocentrismo, conferindo-lhe significado social e santificação divina. Ademais, esse serviço santificado integra a inter-relação entre os estamentos (*Stände*), os ministérios (*Ämter*) e o conceito de chamamento/vocação (*Beruf/Berufung*). Para Lutero, “estamentos” são as três ordens primordiais, criadas e mantidas por Deus, como também o

papel social que cada indivíduo desempenha em sua esfera (WACHHOLZ, 2017, p. 22).

Em contrapartida, o percurso acadêmico é marcado por inúmeros desafios, os quais exigem do corpo discente uma contínua capacidade de adaptação e superação. Logo, os cursos geram ou proporcionam uma série de estressores (culturais, emocionais e financeiros) que, por serem percebidos de maneira individual, subjetiva e temporal, acabam por determinar a resiliência e as escolhas dos estudantes (RODRIGUES, 2021, p. 7). Aliás,

começar a estudar uma ciência pode ser mais exigente do que entrar numa casa estranha. Por vezes, é como chegar, pela primeira vez, a uma cidade que não se conhece. A pessoa percorre as ruas e avenidas principais e presta atenção nos nomes delas, observa suas curvas e retas, subidas e descidas. Olha para as praças, as lojas, os shoppings, os pedestres e os pontos de ônibus, em busca de referências. Sente uma mistura de fascínio e estranhamento. É prazeroso conhecer a cidade e sentir-se capaz de se movimentar nela com liberdade. Demora um pouco até que se tenha a sensação de familiaridade. As pessoas começam a sentir-se parte da cidade quando tem sua morada e estabelecem relações de amizade (MURAD, 2010, p. 12).

Em cada papel desempenhado, a saber, o ser humano invariavelmente desencadeia angústias primitivas, equivalentes às do início da vida. Isso decorre do fato de que, a adaptação a novas responsabilidades reativa sentimentos primitivos de incerteza e desamparo. Não obstante, o pensamento e a aprendizagem têm sua estrutura fundamentalmente ancorada nas experiências emocionais da primeira infância (NOGUEIRA-MARTINS; NOGUEIRA-MARTINS, 2018, p. 334).

Uma instituição de Ensino Superior é muito mais do que um simples centro de ensino. Tal instituição impacta a vida dos e das discentes ao expandir suas competências profissionais e interpessoais, bem como, o aprimoramento de suas capacidades cognitivas. Contudo, torna-se imprescindível atentar para a singularidade desse percurso, por repre-

sentar um período de intensa transição e transformação na trajetória acadêmica (NOGUEIRA, 2017, p. 8).

A palavra transição, especificamente, é definida pelo Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa Michaelis como a ação ou o efeito de transitar; o estágio intermediário entre uma situação e outra; a mudança de uma condição a outra e a maneira de relacionar as ideias ou partes de um discurso.² Tal situação é extensível a todo e qualquer estudante que inicia o percurso no Ensino Superior. De fato,

a vida acadêmica é tida, por alguns, como um dos melhores e mais marcantes períodos da vida de quem passa por ela. É o período das descobertas, da liberdade, da responsabilidade pelas suas escolhas, da amizade para a vida e dos amores que se descobre nem sempre são eternos. É ainda o tempo em que se aprende a cair e a levantar; ou, noutras circunstâncias, que muitas vezes as más escolhas têm consequências e que, elas sim, podem ser eternas (ALMEIDA, 2014, p. 10).

Enquanto estabelecimento de Ensino Superior, a instituição não apenas media relações humanas, bem como é uma força geradora de uma dinâmica psicológica que reúne distintos significados e valores. Ademais, a instituição se constitui como um instrumento de regulação e equilíbrio da personalidade do indivíduo, observam-se insuficiências no que concerne à oferta de segurança, de gratificação, ao desenvolvimento eficiente da personalidade e à efetiva possibilidade de reparação (BLEGER, 1984, p. 37).

O filósofo Byung-Chul Han (2017) argumenta que a humanidade atualmente vive na sociedade do cansaço, marcada pelo excesso de positividade. O indivíduo, nesta nova lógica, não é mais submisso a instituições que determinam suas ações. Tudo se torna individualizado: a carreira e o desempenho. Desse modo, não há mais uma instância dominadora; em seu lugar, é o próprio sujeito quem se domina e se auto explora. Assim, os adoecimentos psíquicos desta sociedade do desempenho são, portanto,

2 Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=5BmGv>. Acesso em: 15 out. 2025.

o sintoma que a expõe. Embora a positividade do poder seja muito mais eficiente que a negatividade do dever, o desfecho sintomático é invariavelmente caracterizado pela depressão e pelo fracasso.

Ainda que o estresse seja comum, a maneira como cada pessoa o percebe e reage aos eventos estressantes é que determina se as respostas serão positivas ou negativas. Portanto, os fatores causadores de estresse podem ser vistos como algo que estimula e motiva, quanto como algo que prejudica e pode levar ao desenvolvimento de doenças, principalmente, do acúmulo de efeitos ao longo do tempo (SANTOS; NASCIMENTO; SOUZA, 2025, p. 2-3).

Durante a trajetória acadêmica, o estresse manifesta-se em função da elevada carga de atividades e compromissos, podendo intensificar-se progressivamente no decurso da graduação. Sendo um período crítico, este ciclo gera vulnerabilidades, além de desgastes físicos e mentais, a aprendizagem pode ser seriamente comprometida. É inegável que a resiliência seja crucial para a adaptação à rotina universitária (FERREIRA; MENEZES; BARROS, 2021, p. 986).

A ansiedade costuma ser percebida como um estado de alerta que leva à tensão e ao gasto energético, associado a uma percepção do ambiente aumentada voltada a um perigo percebido conscientemente ou não. Ela é entendida como uma reação normal da vivência humana que, geralmente, leva a uma mudança do estado físico e psíquico, com projeção de futuro muitas vezes negativa, porém, com possibilidade de modificação do curso de ação (RODRIGUES, 2021, p. 8).

Do mesmo modo, a pressão e a confusão frequentemente vivenciadas pelo e pela estudante ocasionam um ciclo de problemas que inclui a falta de motivação para estudar, a dificuldade de concentração, o baixo desempenho acadêmico e a reprovação. Em última análise, esse cenário leva ao trancamento de disciplinas e à evasão. Aliás, as vivências acadêmicas estão diretamente relacionadas à qualidade da adaptação do estudante à universidade e à rotina, fatores que influenciam signifi-

cativamente o seu bem-estar biopsicossocial (GUNDIM; ENCARNAÇÃO; FONTES; SILVA; SANTOS; SOUZA, 2022, p. 24).

Não obstante, a crise de sentido manifesta-se através de uma série de sentimentos, como a desorientação existencial, a angústia de não pertencer ao grupo e uma persistente sensação de inadequação. A propósito, Hall (2016) reconhece que somos sujeitos em construção, a sociedade impõe um modelo rígido, pautado pela demanda por coerência, desempenho e prontidão ininterrupta.

O homem-corpo possui interioridade e subjetividade. Ele, em sua totalidade, é um ser de interioridade (vida psíquica e mental), urdida de emoções, sentimentos, paixões, sonhos e utopias. É o ser humano-psique. Como há um universo exterior, feito de caos e cosmos, de ordens-desordens-novas-ordens, de devastações medonhas e de emergências promissoras, assim há, também, um mundo interior, atravessado por convulsões ou brisas leves, por paisagens amedrontadoras e surpresas alentadoras (BOFF, 2013, p. 171).

A Constituição da Organização Mundial da Saúde de 1946 ressalta que saúde não é apenas a ausência de doença ou enfermidade e sim um estado completo de bem-estar social, físico e mental (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Precisamente no que se refere à saúde mental, a mesma é uma temática que vem ganhando importância e espaço para a discussão e pesquisa nas mais diversas áreas. Visto que, o conceito de saúde mental apresenta complexidades e dificuldades, dada a fluidez e as oscilações da fronteira saúde-doença, que é influenciada pelos valores sociais de cada época e lugar. A mesma é definida como,

o equilíbrio emocional entre suas necessidades e as exigências ou vivências externas. É a capacidade de administrar a própria vida e as suas emoções dentre as variadas situações, sem deixar de fazer o que é necessário. É buscar viver no equilíbrio de tudo que necessita fazer no dia a dia, sem deixar de fazer o que gosta, como atividades de lazer (BRAGA; OLIVEIRA; RIBAS; CORTEZ; MATTOS; MARINHO; CAVALCANTI; DUTRA, 2017, p. 49).

Os transtornos mentais são categorizados como condições psicológicas com características clínicas bem definidas e que estão intrinsecamente

ligadas ao prejuízo funcional nas atividades cotidianas. O desequilíbrio provocado por estas condições psicológicas compromete diretamente as funções do humor, do raciocínio e do comportamento, afetando o desenvolvimento social e emocional do indivíduo (CUSTODIO; CANCIAN; MALACARNE, 2025, p. 3).

A Classificação Internacional de Doenças (CID-11), em seu Capítulo V, define os transtornos mentais e de comportamento como quadros clínicos que se caracterizam, via de regra, por uma combinação de disfunções na cognição, regulação emocional e comportamento, manifestando-se como relacionamentos interpessoais atípicos. Para a categorização como transtorno, conforme essa classificação, os sintomas devem ser sustentados ou apresentar recorrência, e obrigatoriamente causar deterioração ou disfunção no funcionamento pessoal. Tais condições também requerem a presença de sinais clínicos específicos e um curso evolutivo mais ou menos previsível (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2001, p. 27-28).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de um estudante universitário, em qualquer curso, é marcada por uma elevada carga de trabalho, pois o processo de formação exige a execução de múltiplas atividades, dentro e fora do ambiente acadêmico. Entretanto, dada a ausência de estudos específicos sobre a temática na área da teologia, esta pesquisa fundamentou sua análise em dados e investigações provenientes de outras áreas do conhecimento que foram adaptadas para os objetivos propostos.

O modo como a pessoa acadêmica percebe e reage ao mundo e aos eventos está intrinsecamente ligado à sua relação consigo mesma, às suas relações interpessoais, à sua capacidade de lidar com desafios e vitórias, e a um conjunto de fatores psicossociais relevantes. Esses aspectos, por sua vez, interagem com a saúde integral, definida pela Organização Mundial da Saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social.

Impõe-se o questionamento sobre a capacidade do modelo educacional, marcado pela ênfase na competição e no estresse, de viabilizar o desempenho pleno dos e das discentes e de evitar a deterioração de sua saúde. Simultaneamente, é relevante analisar a viabilidade de uma transição mais flexível entre o ensino secundário e a universidade, visando o enfrentamento das questões de ordem estrutural e sociocultural que a envolvem. Aliás, a qualidade de vida configura-se, portanto, como um construto em permanente desenvolvimento, o que impõe a necessidade de reflexão e revisão.

Considerando o ambiente acadêmico, e com um foco particular na saúde mental dos e das estudantes de Teologia, é imprescindível que as instituições de ensino implementem ações eficazes sobre o tema. É comum que o excesso de demandas acadêmicas acarrete o comprometimento da saúde da pessoa acadêmica. Nesse sentido, o equilíbrio psíquico do e da discente assume um papel central na sua trajetória de formação.

A saúde emocional dos acadêmicos e das acadêmicas em Teologia, lamentavelmente, não tem sido devidamente priorizada, o que acarreta consequências sérias, como a evasão do curso e o desenvolvimento de quadros clínicos como ansiedade e depressão, podendo culminar, em casos mais graves, no surgimento de enfermidades crônicas.

Não obstante, observa-se o surgimento de resistências. As resistências se concretizam em diversas ações, a exemplo dos grupos de escuta e saúde mental, das assembleias estudantis, das ocupações, das rodas de partilha e dos espaços agroecológicos, todos ambientes propícios à (re) descoberta do tempo, do corpo e da alteridade.

Com efeito, o ensino libertador é aquele que integra a dimensão da dor, confere escuta às margens e subverte o silenciamento. Sua natureza reside em ser profundamente político, intrinsecamente radical e essencialmente poético. A partir do momento em que estudantes se articulam em redes de apoio, não somente viabilizam sua permanência, como também questionam o projeto que visa à desumanização.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Salvador Pinto de. **A saúde mental global, a depressão, a ansiedade e os comportamentos de risco nos estudantes do ensino superior: estudo de prevalência e correlação.** 236 p. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências da Fé, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade de Lisboa, 2014.

BAYER, Oswald. **A teologia de Martim Lutero: uma atualização.** São Leopoldo: Sinodal, 2007.

BLEGER, José. **Psico-higiene e psicologia institucional.** Porto Alegre: ARTMED, 1984.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, set./dez. 2006. Disponível em: https://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.

BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade.** Vozes: Petrópolis, 2013.

BRAGA, André Luiz de Souza; OLIVEIRA; Alessandra Gonçalo da Silva; RIBAS, Beatriz Folly; CORTEZ, Elaine Antunes; MATTOS, Mônica Mantuano Gonçalves Ramos; MARINHO, Tatiane Glicerio; CAVALCANTI, Thayná Victorio Costa; DUTRA, Virgínia Faria Damásio. Promoção à saúde mental dos estudantes universitários. **Revista Pró-UniverSUS**, Vassouras, v. 8, n. 1, p. 48-54, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/896/703>. Acesso em: 20 out. 2025.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Vocação e profissão: reflexões teológicas e práticas sobre o ministério na igreja.** São Leopoldo: Sinodal, 2020.

BUSS, Paulo Wille. Ministério pastoral e o sacerdócio universal dos cristãos. In: BUSS, Paulo Wille (Org.). **Lutero e Ministério Pastoral.** Porto Alegre: Concórdia, 2015, p. 7-43.

CUSTODIO, Dieniffer Luize Vargas; CANCIAN, Queli Ghilardi; MALACARNE, Vilmar. Impactos da vida acadêmica: saúde mental e uso de psicofármacos entre estudantes de enfermagem. **Revista brasileira de iniciação científica**, v. 12, p. 1-23. 2025. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/2025/723>. Acesso em: 15 out. 2025.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DREHER, Martin Norberto. **Igreja, ministério, chamado e ordenação: estudos a partir de Lutero**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011.

FERREIRA, Victor dos Anjos; MENEZES, Kátia Rodrigues; BARROS, Ângela Ferreira. Qualidade de vida do estudante de graduação em enfermagem: uma análise quantitativa. **Enfermagem Foco**, v. 12, n. 5, p. 985-990. 2021. Disponível em: https://enfermfoco.org/wp-content/uploads/articles_xml/2357-707X-enfoco-12-05-0985/2357-707X-enfoco-12-05-0985.pdf. Acesso em: 19 out. 2025.

FREIDSON, Eliot. **Renascimento do profissionalismo: teoria, profecia e política**. São Paulo: Edusp, 1998.

GASSMANN, Günther; HENDRIX, Scott. **As confissões luteranas: uma introdução**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GUNDIM, Vivian Andrade; ENCARNAÇÃO, Jhonatta Pereira da; FONTES, Shauan Keven Rocha; SILVA, Aline Araújo Freitas; SANTOS, Vanessa Thamyris Carvalho dos; SOUZA, Rozemere Cardoso de. Transtornos Mentais Comuns e rotina acadêmica na graduação em Enfermagem: impactos da pandemia de COVID-19. **Revista Portuguesa de Enfermagem e Saúde Mental**, v. 27, p. 21-37, jun. 2022. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/rpesm/n27/1647-2160-rpesm-27-21.pdf>. Acesso em: 23 out. 2025.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC - Apicui, 2016. HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOCH, Lothar Carlos. Importância da espiritualidade para a formação teológica: um aporte teológico-pastoral. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 1, p.

79-90, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/1057/899>. Acesso em: 17 out. 2025.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Estatuto do Ministério com Ordenação da IECLB**. 2002.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Nossa fé, nossa vida: guia da vida comunitária na IECLB**. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

JASKE, Tiago Sacht; SELL. Sacerdócio Geral. In: SELL, Wilhelm (Org.). **Nossa fé: temas centrais da confessionalidade luterana**. São Leopoldo: Sinodal, 2022. p. 182-201.

LUTERO, Martinho. À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão [1520]. In: **Obras Selecionadas: o programa da reforma - escritos de 1520**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2016. v. 2, p. 277-340.

LUTERO, Martinho. Dos Concílios e da Igreja [1539]. In: **Obras Selecionadas: debates e controvérsias, I**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2007. v. 3, p. 300-432.

LUTERO, Martinho. Ministério [1523]. In: **Obras Selecionadas: vida em comunidade**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2016. v. 7, p. 73-150.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **O que significa ter saúde?** Brasília. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-que-ro-me-exercitar/noticias/2021/o-que-significa-ter-saude>. Acesso em: 18 out. 2025.

MORESI, Eduardo (Org.). **Metodologia da Pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003.

MURAD, Afonso. **A casa da teologia: introdução ecumênica à ciência da fé**. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 2010.

NOGUEIRA, Maria José Carvalho. **Saúde mental em estudantes do ensino superior: fatores protetores e fatores de vulnerabilidade**. 268 p. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Enfermagem, Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Universidade de Lisboa, 2017.

NOGUEIRA-MARTINS, Luiz Antonio; NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini. Saúde mental e qualidade de vida de estudantes universitários. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 334-337. 2018. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2086>. Acesso em: 17 out. 2025.

NUNES, Luana Ferreira de Oliveira Marques; SILVA, Thiago Augusto Soares Monteiro da; SILVA, Eliara Adelino da; SOUZA, Alessandra da Silva; RICCI, Adiel Queiroz; ALVES, Manoela. Os impactos da trajetória acadêmica na saúde mental dos graduandos. **Revista Pró-UniversUS**, v. 13, n. 1, p. 118-123. 2022. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/3108/1851>. Acesso em: 25 out. 2025.

OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de. **Pra não perder a alma: o cuidado aos cuidadores**. Porto Alegre: Evangraf/Criação Humana, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório sobre a saúde mental no mundo - saúde mental: nova concepção, nova esperança**. 2001.

RODRIGUES, Poliany Cristiny de Oliveira. O estresse do estudante universitário. In: **Saúde mental do estudante universitário: uma coletânea de estudos descritivos**. Nova Xavantina: Pantanal, 2021, p. 7-9. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/897/2023/10/2-EBOOK-SAUDE-MENTAL-DO-S-ALU-NOS.pdf>. Acesso em: 16 out. 2025.

SANTOS, Raquel Pereira dos; NASCIMENTO, Maria Lins Pereira; SOUZA, Simone Aparecida Noronha de. A sobrecarga acadêmica como fator desencadeante de transtornos mentais. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Goiás, v. 8, n. 18, p. 1-10. 2025. Disponível: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/2237/1757>. Acesso em: 12 out. 2025.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

WACHHOLZ, Wilhelm. O ser humano cooperador com Deus: ética cristã a partir dos dois regimentos e três estamentos na teologia de Martim Lutero. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 57, n. 1, p. 14-29, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/ET/article/view/291/239>. Acesso em: 26 out. 2025.